

Memórias Póstumas de Brás Cubas, Quincas Borba: Um recorte filosófico existencial

Alliny Vasny Gomes Pereira (UNEMAT)¹

Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.
(Machado de Assis)

Resumo: O trabalho consiste em uma possibilidade de interpretação das obras de Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba*. O enfoque da pesquisa é a visão filosófica presente nas obras, com isto, mostrar a configuração das relações sociais que há no contexto das obras. Então, faremos uma leitura crítica social considerando um paralelo entre as duas obras machadianas, relacionando-as com a sociedade contemporânea. Com isso, buscamos destacar a importância do entendimento do lado humano presente na criação literária. A leitura crítica de ambas as obras é embasada entre outros por autores como: Bosi (2006), Coutinho (2004), Schwarz (2000), Perrone-Moisés e Massaud-Moisés (2007).

Palavras-chaves: Literatura; Machado de Assis; Filosofia; Sociedade; Antropocentrismo

Abstract: The work consists of a possibility of interpretation of the works of Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* and *Quincas Borba*. The focus of the research is the philosophical vision present in the works, with this, to show the configuration of the social relations that exist in the context of the works. Then, we will do a critical social reading considering a parallel between the two Machado works, relating them to contemporary society. With this, we seek to highlight the importance of understanding the human side present in literary creation. The critical reading of both works is based, among others, on authors such as: Bosi (2006), Coutinho (2004), Schwarz (2000), Perrone-Moisés and Massaud-Moisés (2007).

Keywords: Literature; Machado de Assis; Philosophy; Society; Anthropocentrism

Palavras Iniciais

O trabalho consistirá numa possibilidade de leitura crítica das obras *Memórias Póstumas de Brás Cubas* [1881] (2021) e *Quincas Borba* [1891] (2021) de Machado de Assis. Teremos um enfoque filosófico do ser ficcional com as relações sociais e assim traçaremos um paralelo com a nossa atual sociedade. Dessa forma, iremos observar o lado humano no texto literário, a exemplo do que encontramos em *Memórias Póstumas*, que marcou uma grande inovação na Literatura Brasileira, tanto nos aspectos formais

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) Campus de Pontes e Lacerda-MT. Artigo elaborado para a disciplina de Literatura Brasileira II sob a orientação da Professora Dr^a Madalena Machado. E-mail: vasny.pereira@unemat.br

quanto na simbologia da obra. *Quincas Borba* é também inovador nos mesmos aspectos e repercute a visão filosófica presente na obra anterior.

Em *Memórias Póstumas* há uma construção narrativa por meio das memórias de um autor defunto, ou seja, o personagem homônimo que intitula a obra trata-se de um defunto. Isto foi um dos aspectos revolucionários, Brás Cubas narra seus *flashes* de memórias enquanto estava vivo. O personagem então transmite ao leitor como era a órbita da sociedade em que viveu, escancara o seu pessimismo e descontentamento com as hipocrisias e conveniências sociais. A filosofia na obra é tão importante que o autor cria um romance para o personagem filósofo Quincas Borba. A filosofia deste consiste numa crítica às teorias filosóficas que surgiram após a era teocêntrica, essa visão defendia a valorização da essência humana e Machado em sua obra transmite uma sátira intitulada Humanitismo. Esta crítica do escritor sugere que o homem não enaltece o seu semelhante mas sim a ideia de poder, então é ingênuo acreditar nas concepções do Humanismo, movimento que surge na Europa entre os séculos XV e XVI. Conforme defende Robert Schwarz (2000) que afirma: “Estávamos aquém da realidade a que esta se refere; éramos antes um fato moral, “ímpolítico e abominável”. Grande degradação, considerando-se que a ciência eram as Luzes, o Progresso, a Humanidade etc.” (Schwarz, 2000, p.11, grifo do autor).

Quincas Borba amplia a visão filosófica da sociedade encontrada em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Rubião recebe uma herança de seu amigo Quincas Borba com a condição de cuidar de seu estimado cachorro que também recebe seu nome. O personagem então se torna rico com ilusões de grandeza sem noções de como é ser explorado e termina o romance sem o prestígio social que esperava, assim como o personagem Brás Cubas que morreu com a ideia fixa de ascensão social. Machado deixa sugestivo pelo seu personagem homônimo Quincas, o cachorro, a comparação do animal com o homem em se tratando das reações instintivas.

As obras machadianas apresentam um jogo simbólico muito grande com o título e o nome dos personagens protagonistas. Isso às vezes implica numa confusão por parte do leitor, mas percebemos que tal opção estética contribui para refletir na crítica social que o autor constrói em sua obra. Esta consiste na exposição de uma visão ingênua da sociedade alienada, movida pelas ascensões capitalistas e não pela essência do lado

humano, o ser sem senso crítico, mas convencionado socialmente. Aquela crítica repercutirá bastante nas duas obras em que interpretaremos.

Enfatizaremos um olhar mais crítico filosófico do ser ficcional pois, será extremamente relevante ao entendimento das personagens, salientaremos que essa visão no texto literário poderá ser identificada no real tangível. No tocante a isto, ocorrerá uma reflexão no estudo das narrativas machadianas que bem sabemos, rompe com a estética de outras narrativas que resultam em evidenciar outros aspectos do humano, a exemplo das obras do Naturalismo que os personagens se movem pelo instinto, ou ainda poderíamos citar as narrativas românticas, em que predomina não o racional, mas o lado emotivo das personagens. Esta representação que há no Realismo machadiano move o leitor a pensar no simbolismo da racionalização das personagens na construção da visão crítica das obras.

2 A visão filosófica do ser: Uma ideia ingênua de antropocentrismo

Quando tratamos de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, é imprescindível citarmos o pessimismo do autor com relação à sociedade que já é apresentada ao leitor na dedicatória do livro, “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas Memórias Póstumas” (ASSIS, 2021, p. 11). O autor defunto já deixa claro sua visão pessimista das relações em sociedade, essa dedicação é para o primeiro verme que roer seu cadáver, ou seja, o personagem não vê ninguém querido para deixar sua obra. Vemos então que a obra machadiana é um marco para a Literatura Brasileira não somente nos aspectos da estética literária, por inaugurar o Realismo brasileiro, mas também, pelo fato de apresentar ao leitor uma crítica severa à sociedade não só de sua época, mas observamos isso na nossa atual também. Mediante isso, salientamos que a literatura é transcendente, acompanha o fluxo da existência humana, o autor plasma a realidade para sua criação literária. Sendo assim, é possível visualizarmos conflitos dos personagens do texto ficcional na nossa real sociedade. Tais como, a ideia fixa de poder e grandeza, a dualidade entre a racionalização e as emoções genuínas do ser.

Machado de Assis possibilita ao leitor uma forma filosófica de transcender a realidade por meio de sua obra. Podemos refletir como configura o sujeito social movido pelas conveniências, fato este que é facilmente deslocado para a nossa realidade de vida em sociedade. Este dilema é sugestivamente associado a uma das principais

adversidades que marca a existência do ser que é a morte. Ela repercute desde o próprio título da obra que se trata de memórias de um personagem defunto. Essa problemática também irá repercutir na obra *Quincas Borba* (1991). No trecho a seguir podemos observar essa temática da morte em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: “Esta é a grande vantagem da morte, que, se não deixa boca para rir, também não deixa olhos para chorar... Heis de cair.” (ASSIS, 2021, p.78). O autor evidencia-nos uma visão filosófica de uma das maiores questões que atormentam o ser. Há também evidente preocupação em *Quincas Borba* com a morte do personagem principal que intitula a obra. Após a morte deste temos uma simbologia por meio de seu cachorro que recebe seu próprio nome, isso evidencia a sátira machadiana da filosofia do Humanitismo presente na obra anterior *Memórias Póstumas*.

Machado deixa subentendido grande pessimismo e senso crítico em relação ao ser e a sociedade, fato este que chega a ser irônico. Bosi (2006, p. 176) discorre-nos em face do pessimismo machadiano “(...) do forte e dos felizes, destinados a compor hinos de glória à natureza e ao tempo; mas o dos homens que, sensível a mesquinhez humana e a sorte precária do indivíduo, aceitam por fim uma e outra herança alienável, e fazem delas alimento de sua reflexão cotidiana.”. O autor discute que Machado instaura uma ótica diferente de se posicionar mediante a construção do texto literário. Podemos observar na obra alguns pontos em que o autor deixa sugestivo seu posicionamento crítico filosófico com a sociedade, como nesse fragmento: “É singularmente espantoso esse meu sistema; retifica o espírito humano, suprime a dor, assegura a felicidade, e enche de imensa glória o nosso país. Chamo-lhe Humanitismo, de Humanitas, princípio das coisas” (Assis, 2021, p.135). Observamos que o autor faz uma crítica à visão filosófica em que o homem estaria no centro de tudo, também observamos repercutindo em *Quincas Borba*: “Crê-me, o Humanitismo é o remate das coisas; e eu, que o formulei, sou o maior homem do mundo. Olha, vê como o meu bom Quincas Borba está olhando para mim? Não é ele, é Humanitas...” (Assis,2021, p.19). O aspecto filosófico é tão importante para Machado que o autor cria um romance homônimo para a personagem Quincas Borba, em que há a repercussão da filosofia citada em *Memórias Póstumas*. Mediante isto, podemos identificar uma crítica à sociedade e a construção do sujeito, que acreditava ter o ser no centro de tudo, o autor ironiza essa visão filosófica intitulada por ele Humanitismo não só em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* mas também em *Quincas Borba* como observamos no fragmento a seguir:

Faleceu ontem o Sr. Joaquim Borba dos Santos, tendo suportado a moléstia com singular filosofia. Era homem de muito saber, e cansava-se em batalhar contra esse pessimismo amarelo e enfezado que ainda nos há de chegar aqui um dia; é a moléstia do século. A última palavra dele foi que a dor era uma ilusão, e que Pangloss não era tão tolo como o inculcou Voltaire... já então delirava. Deixa muitos bens. O testamento está em Barbacena. (Assis, 2021, p.26)

Neste trecho vemos uma interligação entre as obras e uma crítica sugestiva à sociedade que não se posiciona filosoficamente, contrária ao pensamento existente de que o sujeito se constitui no centro de tudo. Vemos que as relações se pautam por conveniência e a existência do ser se torna medíocre e em primeiro plano, temos a ascensão social capitalista. Machado mostra que o ser não age apenas pelo instinto, mas também por meio das convenções sociais. A literatura acompanha o fluxo da vida, a existência do ser. A respeito da criação literária Leyla Perrone-Moisés (1990) pondera que:

Representar o que poderia ter acontecido é sugerir o que poderá acontecer é revelar possibilidades irrealizadas do real. E é nesse sentido que a literatura pode ser e é revolucionária: por manter viva a utopia, não como o imaginário impossível, mas como o imaginário possível. [...] A grande obra não pode ser lida de qualquer maneira, ao bel-prazer da subjetividade do leitor [...] assim, a obra literária é construção do real e convite reiterado ao seu ultrapassamento. (Perrone-Moisés, 1990, p.108-109)

Dessa forma, temos em *Memórias Póstumas* uma construção de um real que se mantém atual. A filosofia em face das relações humanas apresentada pelo principal personagem, *Brás Cubas*, é visível no nosso contexto social. Refletimos que a filosofia da ideia fixa que nos é apresentada no capítulo IV desta obra, é uma crítica sugestiva que repercutirá durante toda a narrativa da obra, pois se trata sugestivamente da ideia de ascensão social e por meio disso, tanto na obra quanto na sociedade, gera alguns conflitos nas relações humanas que se pautam por conveniência. Vejamos: “A minha ideia, depois de tantas cabriolas, constituíra-se ideia fixa. Deus te livre, leitor, de uma ideia fixa; antes um argueiro, antes uma trave no olho.” (Assis, 2021, p.16). Neste trecho o autor trabalha com bastante ironia a reflexão no leitor. Temos que ter claro que o personagem é um defunto, então as memórias se referem aos seus atos enquanto estava vivo, ou seja, Brás Cubas não se poupa de se incluir na própria hipocrisia que a sociedade comete. A preferência por uma trave no olho é simbólica visto que a ideia fixa marca o sujeito alienado por uma convicção que não é sua, mas sim do sistema que o cerca, a trave nos olhos marca o simbolismo do ser passível de mudanças bem como o fluxo da existência.

Quincas Borba enquanto personagem em *Memórias Póstumas* é fundamental para ilustrar a sátira do Humanitismo. Brás encontra o amigo Quincas na condição de morador de rua e dá-lhe cinco mil-réis, ele fica impressionado e Brás hipocritamente usa uma fala que faz boa alusão ao sistema de estratificação social, diz que para conseguir mais o amigo deveria trabalhar, coisa que ele próprio não fazia pois sobrevivia sem o fruto do seu labor.

Quincas na primeira oportunidade move-se pela conveniência do momento e rouba o relógio de Brás, mas paradoxalmente, ressurgue na obra no capítulo XCI por meio de uma carta acompanhada de um novo relógio e faz seu amigo Brás Cubas refletir, expõe claramente ao leitor a filosofia do Humanismo às avessas em que o ter vem na frente do ser. Momento no qual Quincas Borba transmite a mesma filosofia na imagem de seu cachorro. O jogo de interesses central que o autor deixa sugestivo é que o personagem Rubião recebe a herança de seu amigo Quincas mediante o compromisso de cuidar de seu cachorro homônimo. Sendo assim, vemos que a escolha da simbologia do cachorro não seria por acaso pois, o ser que não valoriza um outro ser pela essência, agora teria a incumbência de zelar por um animal que pode ser considerado para muitos, insignificante, mas para outros, essencialmente o melhor amigo do homem. Podemos interpretar que esse simbolismo causa no leitor uma reflexão sobre a humanidade nas relações em sociedade. Uma ilustração clara da sátira à filosofia em *Memórias Póstumas* é na carta de Quincas para o amigo Brás Cubas. Consideramos a seguir:

[...]É singularmente espantoso esse meu sistema; retifica o espírito humano, suprime a dor, assegura a felicidade, e enche de imensa glória o nosso país. Chamo-lhe Humanitismo, de Humanitas, princípio das coisas. Minha primeira ideia revelava uma grande ênfase: era chamar-lhe borbismo, de Borba; denominação vaidosa, além de rude e molesta. E com certeza exprimia menos. Verá, meu caro Brás Cubas, verá que é deveras um monumento; e se alguma coisa há que possa fazer-me esquecer as amarguras da vida, é o gosto de haver enfim apanhado a verdade e a felicidade. Ei-las na minha mão essas duas esquivas; após tantos séculos de lutas, pesquisas, descobertas, sistemas e quedas, ei-las nas mãos do homem. Até breve, meu caro Brás Cubas. Saudades do velho amigo. (Assis, 2021, p.135- 136)

Identificamos nesse trecho uma crítica ao sistema social que presa muito o capitalismo, o crescimento individual, o autor faz uma referência de como tudo isso afeta a dinâmica das relações sociais e da sociedade de forma geral. Então, é o que observamos de forma nítida, principalmente nas sociedades desenvolvidas ou subdesenvolvidas, o capitalismo, o poder econômico influenciando e gerando conflitos nas relações humanas. Assim, cada vez mais há amizades por interesse, a exemplo disto

em *Quincas Borba*, em Rubião sugestivamente conseguimos interpretar uma amizade por conveniência com Quincas Borba que, ao morrer deixa sua herança para quem cuidar de seu cachorro de mesmo nome. Portanto, Machado em *Quincas Borba*, pode gerar uma confusão no leitor mais ingênuo com a simbologia do personagem principal homônimo que intitula a obra e, ainda, o nome do cachorro que podemos interpretar com a filosofia que o cachorro é o melhor amigo do homem. Este jogo simbólico retoma de *Memórias Póstumas* a cena em que Brás observa a briga de dois cães pelo osso, no fim foi cada um para seu lado e o osso ficou pelo caminho. O que significa a disputa pela disputa, o interesse de sobressair-se ao seu semelhante, querer mostrar superioridade apenas. Assim, Rubião é encarregado a ter cuidado pelo cachorro que leva o nome do falecido, atitude condizente a ver o lado filosófico presente na narrativa, ele se tornou rico, mas não pela força do seu trabalho, assim como Brás Cubas que não desfrutou do fruto do seu suor. Posteriormente Rubião torna-se uma pessoa explorada pelo meio capitalista, o que indica a vantagem do mais astuto.

Em *Quincas Borba* temos também esse jogo de interesses no âmbito matrimonial, assim como em *Memórias Póstumas*. Diferente do estilo romântico em que os personagens se relacionam movidos pelo sentimentalismo, temos no Realismo de Machado a racionalidade em que o sentimento genuíno não está no centro. O personagem Rubião se deixa envolver amorosamente por Sofia que vê num suposto adultério com Quincas, a conveniência do capitalismo, tendo em vista que seu cônjuge não se importa pois mantém relações financeiras com Rubião. “(...) Palha ficou a olhar para ela a modo de estúpido. Sentou-se no canapé calado. Considerava o negócio. Achava natural que as gentilezas da esposa chegassem a cativar um homem, — e Rubião podia ser esse homem;” (ASSIS, 2021, p.70). Neste trecho identificamos a reflexão do esposo de Sofia que viu no interesse de Rubião por sua esposa um negócio vantajoso. As relações matrimoniais se pautam nas obras como uma possibilidade de ascensão social. Podemos identificar tal afirmativa no trecho a seguir.

Carlos Maria sorriu sem responder; não gostou da expressão. Quis passar a outro assunto. Mas D. Fernanda tornou ao casamento da amiga de Pelotas. Mirava o retrato, coloria-o de palavras, dizendo como eram os olhos, os cabelos, a tez; e depois fez uma pequena biografia de Sonora. Tinha este bonito nome. O padre que a batizou hesitou em dar-lhe, apesar do respeito e influência do pai da menina, rico estancieiro; mas, afinal cedeu, considerando que as virtudes da pessoa podiam levar o nome ao rol dos santos. (Assis, 2021, p.158)

Machado apresenta nas obras ao leitor uma perspectiva muito própria do Realismo, especificamente do ser que se expressa socialmente por meio de uma conduta mecanizada pela massa dominante. Sendo assim, não vemos uma conduta social organicista como podemos observar em romances naturalistas. Esse aspecto do romance pode ser observado facilmente até mesmo na nossa realidade tangível. Em conformidade com Roberto Schwarz apud Manoela Paiva Menezes (2014) temos:

(...) notemos que o desacerto entre as relações sociais do país e os quadros ideológicos do mundo burguês, transformados por isso mesmo em generalidades retóricas, não era invenção do escritor: cabia à vida cultural atestar vinculação europeia e moderna da elite, mais do que refletir as suas relações com as demais classes, donde a tendência do esforço intelectual para o clichê, com sua impotência cognitiva e eficácia gregária. (Schwarz, 2000, p. 174)

Bem sabemos que o autor plasma a realidade, o que resulta na verossimilhança presente no texto literário. Logo, podemos ter acesso à sociedade da época, um Brasil burguês, europeu, cuja classe dominante influenciava as relações do ser. Esta visão do literário é recorrente em nossa sociedade pois a obra é transcendental.

2.1 Uma ilustração: ao vencedor, as batatas?

A teoria de seleção natural é encontrada nas duas obras por meio da ideia que o mais forte se destaca. Assim, na sociedade aquele que é mais sagaz se sobressai aos demais. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, temos a sátira da teoria do Humanitismo que refletirá durante toda a construção narrativa de *Quincas Borba*. Pensando nisso, podemos observar a síntese da teoria descrita neste romance:

(...) supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas. (Assis, 2021, p. 20)

Pedimos desculpas aos leitores pelo tamanho do fragmento, mas o mesmo é de extrema relevância para a compreensão acerca da discussão proposta neste artigo. Há então uma clara explicação filosófica da lei do mais forte que vence o mais fraco. Salientamos que é importante traçar um paralelo entre as obras para compreendermos melhor a filosofia presente em *Quincas Borba*. O personagem Rubião que a princípio vence na vida, torna-se membro da sociedade capitalista através da herança de seu amigo Quincas. Ao final da narrativa refletimos que o mesmo foi vencido pelo sistema ou simplesmente pelas relações sociais que lhe circundavam. Rubião assim como Brás Cubas terminam a sua trajetória sem conseguirem de fato o que tanto almejaram, a ideia fixa de muito prestígio social com as posses de títulos importantes. Vemos que o ser na obra é levado em primeiro plano pela ideia fixa citada em *Memória Póstumas*, termina corrompendo-se e não chegando ao seu lugar almejado. Brás Cubas escancara no capítulo das negativas todo seu descontentamento de como terminou sua vida, “Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto.” (Assis, 2021, p.140). Este pensamento de Brás Cubas reforça o fato de que vivia de posses, não trabalhou, não lutou realmente por aquilo que queria, foi alienado pela ideia do sistema burguês. Rubião não tão distante em passo igual, morre na ilusão de sua emergência social, deixa intrínseco que a sua queda é a elevação de outro conforme lemos em: “A cara ficou séria, porque a morte é séria; dois minutos de agonia, um trejeito horrível, e estava assinada a abdicação.” (Assis, 2021, p. 248). O trecho ainda é pertinente ao dilema do nascer e do morrer. O personagem viveu uma ilusão de se tornar de fato um burguês tipicamente aos moldes europeus da época. Robert Schwarz nos evidencia esse olhar filosófico do humano que repercutiu na obra literária:

Aí a novidade: adotadas as ideias e razões europeias, elas podiam servir e muitas vezes serviram de justificação, nominalmente "objetiva": para o momento de arbítrio que é da natureza do favor. Sem prejuízo de existir, o antagonismo se desfaz em fumaça e os incompatíveis saem de mãos dadas. (...) Neste contexto, portanto, as ideologias não descrevem sequer falsamente a realidade, e não gravitam segundo uma lei que lhes seja própria (...) assim, com método, atribui-se independência à dependência, utilidade ao capricho, universalidade às exceções, mérito ao parentesco, igualdade ao privilégio etc. (Schwarz, 2000, p.18 -19)

Temos nas palavras de Schwarz um maior entendimento da sátira machadiana presente nas duas obras interpretadas, entendemos que Machado evidenciou por meio

do literário uma crítica social aos padrões comportamentais, a visão que predominava na Europa. Assim, a ideia do homem no centro do universo não condiz com a realidade das convenções sociais que perduram até mesmo nos dias atuais. Com isso, o enfoque das narrativas mostra ao leitor o quão convencionado ao sistema é o sujeito, mediante isso, surge as incongruências no caráter do fluxo da vida.

Esta base teórica é sugestiva na leitura crítica de *Memórias Póstumas*, ocorre ainda mais clara no capítulo que surge o personagem do romance posterior, Quincas Borba, mas neste vemos que o autor desde os primeiros capítulos deixa bem claro ao leitor o cunho filosófico da narração. A ideia de poder e competitividade em sociedade acaba fazendo com que o sujeito tente se sobressair ao outro, o que fundamenta a base capitalista pois a parte racional é predominante aos instintos de humanidade, fato este que assemelha a disputa dos dois cães famintos que apenas brigavam pelo simples instinto de competição.

3 Palavras finais

A obra literária é transcendental, permite-nos compreender que o fluxo da existência do ser evidencia uma sociedade de outrora reverberando na atual. Assim, as obras *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba* mostram uma possibilidade de refletirmos como se iniciou uma visão filosófica importante para a humanidade, o Antropocentrismo. A sociedade presente nas obras é reflexo das relações humanas presentes no tempo que se estabelecem na narrativa por meio da criação de Machado. Portanto, ao debruçarmos na leitura dessa obra tão rica, há uma interpretação sugestiva que estabelece um paralelo muito grande com o real e atual contexto social.

Comprendemos que a literatura permeia as principais filosofias que marca a existência humana, como apresentamos nas obras interpretadas. O autor transmite uma crítica sugestiva e por vezes escancara o sistema que rege o fluxo das reais normas sociais. Neste contexto, a essência do sujeito não é a marca principal nem tão pouco o que move os personagens, fato esse que podemos facilmente ilustrar também fora do real ficcional.

Por conseguinte, destacamos a importância de enfatizar as personagens nas narrativas de Machado movendo-se mais racionais, resultando assim num jogo

simbólico que alicerça a construção crítica da obra. Portanto, somos levados a associar a ausência de personagens movidas pelo sentimentalismo, ao escancaramento da verdadeira essência do sujeito dentro do contexto de socialização. Sem dúvidas a estética literária do romance realista evidencia de maneira extremamente irônica toda hipocrisia e demais desvios de caráter que marcam a filosofia da existência do ser.

Referências

ASSIS, Machado. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Londrina-PR: Livrarias Família Cristã, 2021

ASSIS, Machado. **Quincas Borba**. Londrina-PR: Livrarias Família Cristã, 2021

BOSI, Alfredo. “V. O Realismo”. In: **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006

COUTINHO, Afrânio. “Machado de Assis”. In: **A literatura no Brasil Vol. 4-Relações e perspectivas**. São Paulo: Global, 2004

COMPAGNON, Antoine. “O mundo”. In: **O demônio da teoria: literatura e senso comum (2014)**. Belo Horizonte. UFMG, 2014

MOISÉS, Massaud. **A literatura brasileira através dos textos**. São Paulo: Cultrix, 2007

MONIZ, Antônio. Humanismo. In: **E-Dicionário de Termos Literários**. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/humanismo> Acesso em: 05/07/2023.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. “A criação literária”. In: **As flores da escrivantina**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

MENEZES, Manoela Paiva; "Bases filosóficas de Memórias Póstumas de Brás Cubas", p. 198-204. In: **Anais da VIII Semana de Orientação Filosófica e Acadêmica [= Blucher Philosophy Proceedings, n.1, v.1]**. São Paulo: Blucher, 2014.

ISSN 2358-6567, DOI 10.5151/phipro-sofia-026

SCHWARZ, Roberto. “As ideias fora do lugar” In: **Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.